

Apicultura e empoderamento: ressignificação do espaço de atuação da mulher na sociedade do alto oeste potiguar**Beekeeping and empowerment: ressignification of women's space in the west potiguar society**

DOI:10.34117/bjdv5n9-041

Recebimento dos originais: 18/07/2019

Aceitação para publicação: 09/09/2019

Luciene Xavier de Mesquita-Carvalho

Mestre em Ciência Animal pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

Instituição: Docente do Curso Técnico em Apicultura. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Pau dos Ferros.

Endereço: BR 405, KM 154, S/N, Bairro chico Cajá, CEP:599000-000, Pau dos Ferros, RN.

E-mail: luciene.mesquita@ifrn.edu.br**Wesley Breno de Freitas Silva**

Instituição: Discente do Curso Técnico em Apicultura. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Pau dos Ferros.

Endereço: BR 405, KM 154, S/N, Bairro chico Cajá, CEP:599000-000, Pau dos Ferros, RN.

E-mail: wesleybreno.freitas07@gmail.com**Leonardo Emmanuel Fernandes de Carvalho**

Mestre em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Docente do Ensino Básico Técnico Tecnológico em Biologia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Pau dos Ferros.

Endereço: BR 405, KM 154, S/N, Bairro chico Cajá, CEP:599000-000, Pau dos Ferros, RN.

E-mail: leonardo.emmanuel@ifrn.edu.br**Francisco Carlos de Lucena**

Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Docente do Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Pau dos Ferros.

Endereço: BR 405, KM 154, S/N, Bairro chico Cajá, CEP:599000-000, Pau dos Ferros, RN.

E-mail: fcsociologia@gmail.com**Francisco Vieira Sales Junior**

Mestre em Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Campina Grande

Instituição: Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Pau dos Ferros.

Endereço: BR 405, KM 154, S/N, Bairro chico Cajá, CEP:599000-000, Pau dos Ferros, RN.

Email: junior.sales@ifrn.edu.br**RESUMO**

O projeto de pesquisa trata de uma análise sociológica sobre a percepção das mulheres do projeto de extensão Abelha Operária Empoderada. O objetivo dessa pesquisa é explicar o processo de empoderamento dessas mulheres. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica sobre as

seguintes temáticas: cidadania, gênero e empoderamento. Em seguida foi realizada a análise do questionário inicial submetido para inscrição dessas mulheres no projeto de extensão e, posteriormente, fizemos a aplicação de entrevistas com as mesmas, avaliando a percepção do projeto sobre suas vidas. Após a análise dos dados coletados antes e depois do projeto de extensão, foi possível perceber que o curso proporcionou a estas mulheres mais autonomia, independência e valorização da autoestima sugerindo o empoderamento destas. Além disso, ampliaram os seus conhecimentos através de oficinas que tinham o viés de trabalhar a subjetividade e o empreendedorismo. Portanto, o projeto de extensão contribuiu para que essas mulheres fortalecessem a autoconfiança, mostrando que elas são capazes de alcançar seus objetivos.

Palavras-Chave: Autoconfiança, cidadania, gênero.

ABSTRACT

The research project deals with a sociological analysis on women's perception of the Abelha Operaria Empoderada extension project. The purpose of this research is to explain the empowerment process of these women. For this, we carried out a bibliographical review on the following themes: citizenship, gender and empowerment. After that, the initial questionnaire was analyzed, which was submitted for the enrollment of these women in the extension project, and later we applied interviews with them, evaluating the perception of the project about their lives. After analyzing the data collected before and after the extension project, it was possible to perceive that the course gave these women more autonomy, independence and appreciation of self-esteem, suggesting their empowerment. In addition, they expanded their knowledge through workshops that had the bias of working subjectivity and entrepreneurship. Therefore, the extension project has helped these women to build self-confidence, showing that they are able to achieve their goals.

Keywords: Self-confidence, citizenship, gender.

1. INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU) atribuí o significado da cidadania como o direito de todas as pessoas serem iguais perante a lei, independentemente de sua raça, cor ou credo. Cabe a todos o domínio sobre o seu corpo e sua vida, um salário condizente para se poder manter, e o direito a saúde, educação, habitação e ao lazer (ONU 1948). Em síntese, diz respeito ao direito a se ter uma vida digna como ser humano (MANZINI-COVRE, 1995).

Carvalho (2002) atribui que o exercício da cidadania está diretamente relacionado aos direitos e deveres do indivíduo, é necessário diferenciar os três tipos de direitos do cidadão: os diretos civis, sociais e políticos.

Os direitos civis são aqueles que garantem ao indivíduo o direito à liberdade individual, a vida, a propriedade e a igualdade perante a lei. Eles se estendem na garantia de ir e vir, na manifestação pessoal do pensamento, na escolha do trabalho e dentre outros direitos individuais. Direitos esses que são baseados na existência de uma justiça independente, barata e justa para todos (CARVALHO, 2002).

Os direitos políticos são aqueles que se referem à participação do indivíduo nas decisões políticas da sociedade, de votar e ser votado e de organizar partidos políticos. Quando tratamos de

direitos políticos, estamos falando da questão do exercício do voto e da possibilidade da participação do cidadão nas tomadas de decisões (CARVALHO, 2002).

Já os direitos sociais são aqueles que garantem às pessoas a participação na riqueza coletiva, nas quais asseguram aos indivíduos saúde, educação, trabalho e um salário justo para se ter uma vida digna (CARVALHO, 2002).

Porém, é necessário que haja tanto uma eficiência da máquina administrativa do poder executivo, quanto a participação do próprio cidadão, havendo a asseguaração e vigência destes direitos, que permitem as comunidades politicamente ordenadas a reduzir o excesso de desigualdades impostas pelo capitalismo, e garantir pelo menos o mínimo de bem-estar para pessoas, gerando uma justiça social (CARVALHO, 2002). Visto isso, podemos dizer que a “cidadania completa” é daqueles que podem utilizar os três direitos. Aqueles que usufruírem apenas de alguns desses direitos estão vivendo numa cidadania incompleta e os que não possuem nenhum dos três seriam os não-cidadãos.

Diante disso, percebe-se uma relação desigual entre homens e mulheres no que diz respeito aos direitos cidadãos, na qual o homem detém a cidadania completa (quando perfeitamente inserido no contexto social em suas normas vigentes), enquanto que as mulheres, principalmente as de condições vulneráveis socialmente, não usufruem desses direitos em sua totalidade.

Um dos conceitos que retratam essa problemática é o de gênero. Este tem sido bastante discutido para obter entendimento sobre a desigualdade e opressão entre homens e mulheres, onde há a superioridade do tipo masculino sobre o feminino, levando a violência, o preconceito e dificuldades na vida cotidiana, principalmente das mulheres (SOUSA; MOURA, 2013).

O gênero é definido como uma construção do que é ser homem e mulher historicamente e não biologicamente. Sendo adquirido através do convívio com o meio social, essa concepção foi necessária para denunciar a tradicional classificação e distinção baseada no sexo, onde se definia que o homem era quem dominava e que realizava as tarefas mais racionais por ser mais forte, e a mulher apenas realizava tarefas domésticas e cuidaria dos filhos por ser mais frágil. Assim, o destino das pessoas estaria sendo determinado pelo seu sexo (SOUSA; MOURA, 2013). Então pode-se perceber o quanto de entraves foram postos sobre as mulheres provocando a desigualdade social que impediu a ascensão destas e tardou as conquistas sociais que a levariam a cidadania completa.

Historicamente no Ocidente as mulheres foram tratadas dentro de uma cultura patriarcal, sendo vistas como seres humanos incapazes de realizar tarefas externas ao lar, mesmo que em determinados momentos tivessem rebeliões por parte delas, não foi suficiente para haver a emancipação desse sistema. (DIAS et al., 2017).

A partir da Revolução Industrial as mulheres conseguiram, gradativamente, sair da condição doméstica e encontraram dificuldades no mercado de trabalho. O estudo de Hirata (2002) ao analisar o setor industrial, notou que grande parte das mulheres empregadas na indústria estava em setores manuais de baixa qualificação. Raramente se encontravam mulheres realizando atividades de cunho administrativo, técnico ou desenvolvendo trabalho manual qualificado.

A importância da inserção feminina no mercado de trabalho nos leva a entender como se dá essa liderança feminina em organizações públicas ou privadas. Atualmente com as conquistas sociais, as mulheres conseguiram garantir um espaço mais abrangente na sociedade como indivíduos participantes das atividades públicas, garantindo ascensão delas como líderes e assim a presença feminina tem sido ampliada em frentes a tantas mudanças econômicas, tecnológicas, sociais, culturais e políticas (DIAS et al., 2017).

Com o fortalecimento do movimento feminista, na década de 1960, as mulheres tiveram a oportunidade lutar por igualdade, onde é notória a importância desse movimento para minimizar a violência e discriminação contra a mulher, pois o movimento feminista visa denunciar um conjunto de suposições que a sociedade definiu como “natural”, como exemplo a heterossexualidade (relação entre indivíduos de sexo diferente) e a maternidade (apenas o cuidado dos filhos e do lar pela mulher) (SOUSA; MOURA, 2013).

Diante desse cenário social que é visto até hoje, é necessário que haja políticas públicas voltadas a igualdade de gênero para que ocorra o empoderamento de grupos sociais que trazem desigualdades de diversas formas (SOUSA; MOURA, 2013).

O empoderamento, apesar de estar em ascensão na atualidade, não é uma palavra nova, sendo esse termo utilizado a partir dos movimentos emancipatórios na década 1960 relacionados ao exercício de cidadania (movimentos dos negros, das mulheres, dos homossexuais, movimentos pelos direitos dos deficientes). Essa palavra surgiu na segunda metade do século XX nos Estados Unidos. A base do conceito de empoderamento (empowerment) foi retirada da luta social de Martinho Lutero na Revolução protestante do século XVI, onde se lutava em busca de um protagonismo individual e por justiça social diante das injustiças da Igreja Católica. Podemos então dizer que empoderamento é um processo de construir poder, seja de maneira individual ou coletiva (BAQUERO, 2012).

O marco histórico que trouxe visibilidade ao empoderamento social foi a formação dos movimentos sociais de libertação e contracultura que eram contra os sistemas de opressão na década de 1960, nos Estados Unidos da América. Assim, o empoderamento era visto como sinônimo de emancipação social, e uma de suas vertentes visava a igualdade de gênero, onde homens e mulheres tivessem acesso ao mesmo espaço social (BAQUERO, 2012).

O empoderamento implica num processo de construção social e político no qual os sujeitos envolvidos se redefinem positivamente. Dessa forma, existe uma forte relação entre cidadania e empoderamento. Para entender melhor o termo empoderamento, é necessário compreender seus 3 níveis psicológico, social e político

O primeiro nível é o pessoal que parte da autoconfiança do indivíduo em si mesmo. Mas é preciso compreender que ninguém se empodera sozinho, é algo que se faz em relação com a comunidade, implicando em um processo de interligação, no qual as distintas formas de engajamento são espaços de aprendizagem e reconhecimento junto aos participantes do grupo, colaborando com o fortalecimento dos sentimentos como autorrealização, identidade e o pertencimento (KLEBA; WENDAUSEN 2009).

Já o segundo nível é o grupal ou organizacional que se refere a organizações comunitárias ou estruturas mediadoras (igrejas, associações) que seriam as pontes para ligar o indivíduo diretamente no contexto social, onde se disponibiliza ferramentas para um melhoramento na vida em comunidade. O poder de uma comunidade não é algo dado, mas sim construído através do respeito das diferenças que existe seja a crença ou cultura de cada pessoa que está inserida naquele grupo (KLEBA; WENDAUSEN 2009).

Por último, entende-se como empoderamento estrutural ou político as decisões que são tomadas pelas pessoas naquilo que se refere ao seu futuro. É necessário que os indivíduos não se manifestem apenas nas suas localidades, mas busque levar a sua voz para assembleias maiores, como sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais e etc. Esse nível requer que antes haja um empoderamento social pois é através dele que será obtido uma participação mais efetiva do cidadão nas decisões sociopolíticas (KLEBA; WENDAUSEN 2009).

A pesquisa proposta apresenta uma análise sociológica sobre o processo de empoderamento das mulheres participantes do projeto de extensão “Abelha Operária Empoderada”. Esse projeto de extensão buscou capacitar mulheres com vulnerabilidade social na região do Alto Oeste Potiguar (RN), através de um curso de saboaria para que as mesmas fossem capacitadas para o mercado de trabalho. Nesse projeto foi utilizado o método de oficinas tanto práticas como teóricas, nas quais eram repassados não apenas conteúdos relacionados à prática profissional (saboaria), mas também a construção identitária e social delas como mulheres, levando-as ao processo de empoderamento social.

Este projeto foi ofertado pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Pau dos Ferros, que através da extensão oportunizou a qualificação profissional como ferramenta para auxiliar no seu fortalecimento social, mostrando que a educação é um dos caminhos para ir em busca de empoderamento. A extensão é a forma que o IFRN utiliza

para se conectar com a comunidade externa, trazendo para dentro do âmbito escolar suas demandas, para que se possa haver uma real transformação social através da educação (MESQUITA, CARVALHO E SILVA, 2018). O objetivo dessa pesquisa é explicar o processo de empoderamento dessas mulheres que participaram do projeto de extensão.

2. METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

Este trabalho é oriundo do projeto de extensão Abelha Operária Empoderada (EDITAL DE FLUXO CONTÍNUO Nº 01/2017-PROEX-IFRN - Edital de Fluxo Extensão Contínuo). O projeto é uma iniciativa do IFRN, *Campus Pau dos Ferros*, ocorrido no período de 15(quinze) de maio até 02(dois) de dezembro de 2017, com o auxílio de dois estudantes bolsistas do curso técnico de Apicultura. O público alvo eram mulheres do Alto Oeste Potiguar que se caracterizavam em situação de vulnerabilidade social.

Com relação ao projeto de extensão, foram realizados questionários com as 35 mulheres, na qual todas foram selecionadas. Esse questionário traçou o perfil socioeconômico delas. No intuito de caracterizar melhor este público, aplicou-se alguns questionários iniciais, com questões que buscaram avaliar o grau de vulnerabilidade dessas mulheres. Algumas perguntas estavam focadas em relação à educação, ocupações e disponibilidade e renda.

Durante o projeto foram realizadas várias oficinas que proporcionaram a essas mulheres o conhecimento dos seus direitos individuais e coletivos; fabricação de sabonetes, sais de banho, cosméticos masculinos, produtos à base de mel; foram ofertadas oficinas que trabalhassem com a identidade feminina e a autoestima dessas mulheres como a de maquiagem e produção de vídeo sobre a biografia das mesmas, e oficinas que despertassem o empreendedorismo, comercialização e cooperativismo que pudessem auxiliá-las na obtenção de uma renda própria e inseri-las no mercado de trabalho artesanal.

2.2 MÉTODO DE AÇÃO DA PESQUISA

2.2.1 Revisão bibliográfica e grupo de discussão

Essa pesquisa se caracteriza tanto como bibliográfica como de campo. No primeiro momento discutiu-se sobre temas sociais pertinentes como cidadania, empoderamento e gênero, no intuito de se apropriar desses conceitos e sobre eles realizar uma revisão bibliográfica.

2.2.2 Análise do questionário inicial

O questionário diagnóstico que foi aplicado no projeto de extensão serviu de referência para analisar temáticas sociais relevantes que pudessem ser exploradas no estudo em questão. A partir deste questionário foi feita uma análise dos temas mais relevantes em relação a discussão de empoderamento e gênero.

2.2.3 Aplicação das entrevistas

Através das discussões realizadas e da análise do questionário inicial, foram elaboradas questões que foram apresentadas as mulheres em forma de entrevista. Adotou-se, então, um esquema de ordenamento numérico para respeitar a privacidade das entrevistadas (tipo: entrevistada – 1).

Feito esse esclarecimento metodológico, retomou-se as discussões acerca das falas das mulheres. As entrevistas foram realizadas entre os dias 27 e 30 de agosto de 2018, com dez (10) participantes do projeto. O número reduzido de participantes nas entrevistas deveu-se à dificuldade de contato com as mulheres após a realização das oficinas. Destas, apenas uma entrevista foi concedida pessoalmente. As demais foram realizadas por e-mail e WhatsApp.

As perguntas envolveram temáticas relacionadas a realidade educacional das mulheres, relações de gênero e violência, bem como a percepção das mesmas sobre a importância do projeto de extensão.

2.2.4 Análise dos resultados

A partir dos dados coletados, foi realizada uma análise qualitativa (na medida em que o foco de nossa investigação recai na interpretação das realidades observadas por meio dos dados obtidos nas entrevistas), mas também uma dimensão quantitativa, por meio da tabulação dos dados para uma comparação sobre antes e depois do projeto.

O trabalho, portanto, se baseia em uma perspectiva crítica sobre a percepção das mulheres da importância do projeto Abelha Operária Empoderada, tomando como categoria centrais de análise a cidadania, empoderamento e gênero.

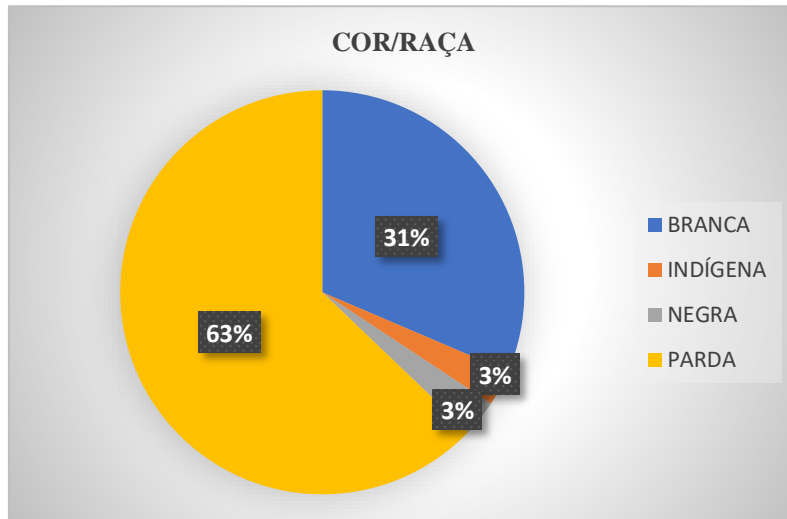
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES NO INÍCIO DO PROJETO DE EXTENSÃO

As mulheres participantes do projeto residem na região do Alto Oeste Potiguar (RN). Tais mulheres são moradoras das cidades de Doutor Severiano, Riacho de Santana, Severiano Melo, São Miguel, Rafael Fernandes e Pau dos Ferros. Vale destacar que a maior parte dessas mulheres

tinha disponibilidade para participar das atividades do projeto até três vezes por semana no turno noturno. Destas 35 mulheres participantes do projeto, 11 se autodeclaravam de cor/raça branca, 22 pardas, uma indígena e uma negra (Figura 1).

Figura 1: Autodeclaração de cor/raça pré-projeto



Fonte: Elaborado pelos Autores





Fonte: Elaborados pelos autores (2017)

3.1.1 Análise dos temas relevantes do questionário inicial

Um dos recortes dos temas mais relevantes para a discussão de cidadania, gênero e empoderamento, foi a violência, como representado na tabela abaixo (Tabela 1)

Tabela 1: Violências sofridas pelas mulheres

Agressão acidental (ACIDENTE, INVOLUNTÁRIO)	1	Fonte:
Agressão física (AGRESSOR TINHA INTENÇÃO)	2	
Agressão verbal (XINGAMENTO, HUMILHAÇÃO)	13	
Furto (NÃO PRESENCIA A AÇÃO)	10	
Outros	5	
Roubo (PRESENCIA A AÇÃO), Furto, Agressão física, Agressão acidental, Agressão verbal e ameaça exposição ao risco	4	
Total Geral	35	

Elaborado pelos Autores

Por meio da Tabela 1, pode-se perceber que a maioria das participantes foram vítimas de agressão verbal. Segundo Garcia et al. (2008), este tipo de violência é a base para o surgimento de

outras, como por exemplo a física, e esse tipo de agressão torna-se muita das vezes invisível se comparado com os demais tipos de violência contra a mulher.

Nascimento (2018), com base no pensamento de Pierre Bourdieu, diz que o ser humano possui quatro tipos de capitais: o econômico (que está relacionado a renda financeira); o social, representado pelas amizades e o convívio; o cultural aquele que envolve a educação e arte, e o simbólico ligado a honra, o prestígio e o reconhecimento.

A violência simbólica se dá pela ausência desses capitais, definida por Bordieu como algo que há uma cumplicidade entre quem sofre e quem pratica, sem que, constantemente os envolvidos saibam que estão exercendo ou sofrendo essa violência, gerando diversos transtornos psicológicos e ocasionando depressão e morte das vítimas. É através do capital simbólico que algumas diferenças de poder são definidas socialmente, e por meio dele os indivíduos e instituições acabam tentando persuadir os outros com suas ideias. (BOURDIEU,2010)

Segundo Schraiberi (2007) a violência contra a mulher é reconhecida como problema de saúde pública. A alta ocorrência leva um grande predomínio da violência por parceiros e ex-parceiros íntimos, na qual sendo considerada de gênero e muita das vezes sendo denominada como violência doméstica.

Outro aspecto relacionado no questionário inicial foi o auxílio financeiro de programas sociais. De acordo com os questionários aplicados 68,5% das entrevistadas são beneficiadas por algum tipo de programa social, sendo em sua maioria, o Bolsa Família. Normalmente, pessoas que recebem esse auxílio o tem como principal fonte de renda, pois muita das vezes o marido tende a impor que o lugar dessas mulheres é cuidando da casa, impossibilitando-as de ter uma renda extra.

Mas ao decorrer do tempo essas mulheres foram conquistando seu espaço na sociedade, estando bastante presentes no mercado de trabalho. Então elas acabaram criando espaço de luta contra o machismo e contra a violência que sofrem. Elas tendem a sofrer estresse no seu dia-a-dia, até mesmo por exercer várias funções, no qual acabam se sobrecarregando. (SILVA et al, 2014)

A escola e a família são fatores importantes que contribuem e influenciam na formação do indivíduo. Ambos são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, de acordo com as expectativas de cada ambiente (DESSEN, 2007, p.21-32).

A tabela abaixo (Tabela 2) traz as informações referentes ao grau de escolaridade das mulheres participantes do projeto de extensão.

Tabela 2: Grau de escolaridade

Ensino Fundamental completo	7
Ensino médio completo	24
Superior Completo	3
NSI	1
Total Geral	35

Fonte: Elaborado pelos Autores

O grau de escolaridade pode influenciar muito na vida destas mulheres, definindo oportunidades no mercado de trabalho. Através da tabela 2, nota-se que 68,5% (24) tem o ensino médio completo, somente 8,5% (3) possui ensino superior completo, havendo uma minoria com o grau de escolaridade incompleto. Porém, de acordo com o questionário inicial, as participantes tendem a se dedicar ao estudo no período noturno, por possuir outras atividades durante o dia, como o cuidado com o lar ou o emprego.

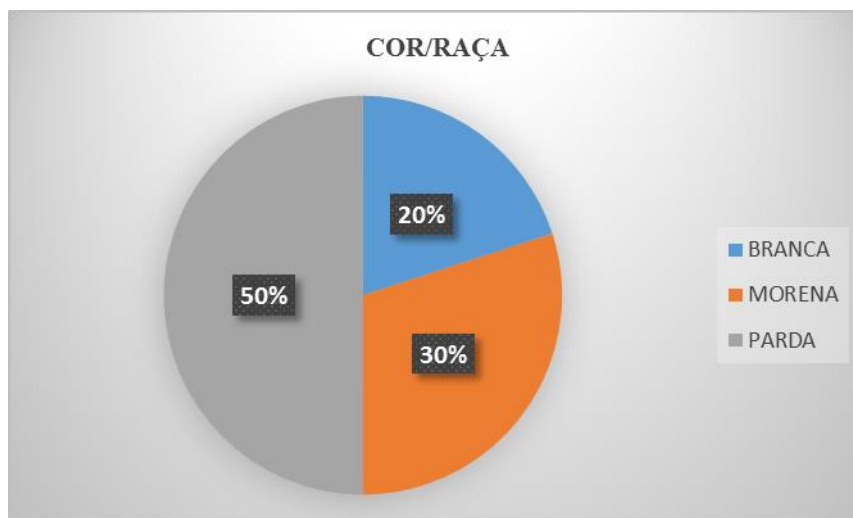
Atualmente a mulher pode ter outras tarefas externas ao lar, porque alguém antes delas buscou essas conquistas, mas ainda não podem retirar do cotidiano delas os afazeres domésticos.

No tópico 3.2.1 que será apresentado mais na frente, aprofundamos um pouco mais essa relação do grau de escolaridade e alguns fatores que influencia a relação estudo e gênero em nossa pesquisa.

3.2 CARACTERIZAÇÕES DAS MULHERES QUE FORAM ENTREVISTADAS APÓS O PROJETO DE EXTENSÃO

Após a finalização do curso, foram feitas dez (10) entrevistas dentre as 35 mulheres envolvidas. O gráfico abaixo se refere ao processo de autodeclaração das entrevistadas em relação a sua cor ou raça (Figura 2). Segundo Machado e Franco (2018) proporcionalmente, o estado do Rio Grande do Norte possui mais negros que São Paulo, os estados que estão localizados na região nordeste cerca de 69,7% da população se autodeclara preta ou parda; no Sudeste, esse número é de 39,2%. Já o Brasil com um todo, 55,7% da população se autodeclara preta ou parda; brancos são apenas 43,3%.

Figura 2: Auto declaração pós-projeto



Fonte: Elaborado pelos Autores

No questionário inicial houve opções para essas mulheres escolherem sua cor/raça, já na entrevista realizada após o projeto elas mesma que escreveram como se autodeclaravam, isso fez com que surgisse a categoria morena.

Nota-se na figura 2 que 50% destas mulheres se autodeclararam pardas. De acordo com Oliveira (2004), no sistema de autoclassificação brasileira existe uma tendência a esse processo das pessoas optarem por se declararem como pardas, ao invés de se declararem como negra. "Assumir a identidade racial negra em um país como o Brasil é um processo extremamente difícil e doloroso" (OLIVEIRA, 2004).

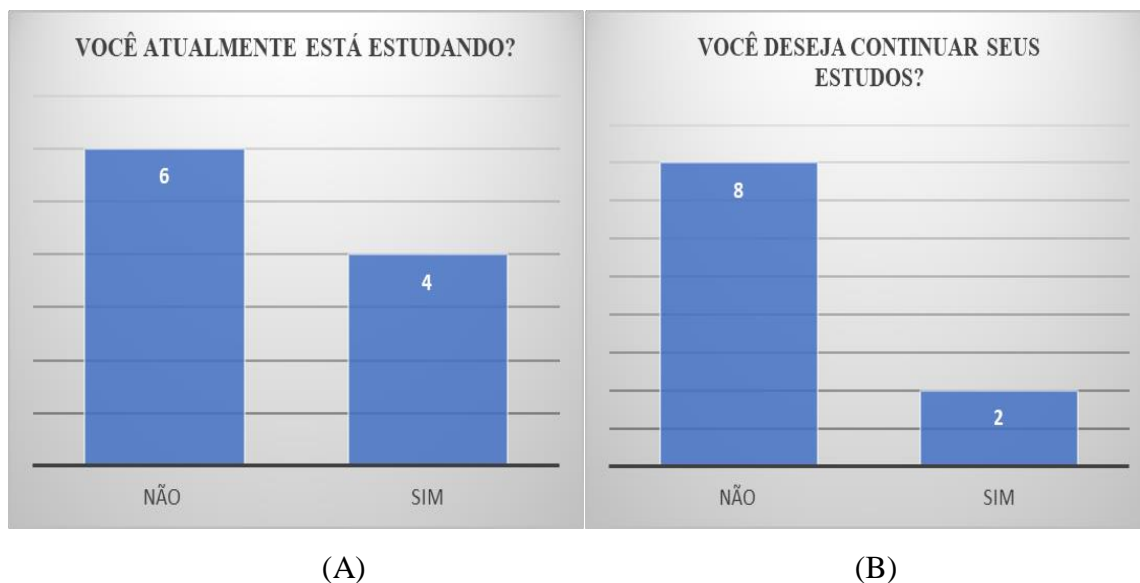
A identidade racial/étnica é uma forma de pertencer a um grupo racial resultante de uma construção social, cultural e política, que é estabelecida através da socialização e educação que se é adquirida em toda trajetória de vida do indivíduo (OLIVEIRA, 2004).

3.2.1 A Realidade da educação

A educação no Rio Grande do Norte está em colapso, possuindo um dos piores índices da educação básica do Brasil e a quinta pior nota, a última vez que o estado conseguiu atingir a meta do (IDEB) foi em 2009 (ARAUJO, 2016).

Na pesquisa, a realidade educacional das mulheres reflete um pouco esses dilemas onde a maioria delas disse que não estava estudando e nem pretendiam continuar. (Figura 3).

Figura 3: Perguntas relacionadas a vida acadêmica das entrevistadas



Fonte: Elaborado pelos Autores

No gráfico A, 40% das mulheres respondeu que estuda atualmente, porém 60% relatou que não estava mais frequentando a escola. Um dos fatores que pode influenciar para que estas mulheres não estejam estudando atualmente é a falta de incentivo por parte da família e também pelo excesso de atividades do dia-a-dia que acabam sobrecarregando e havendo a perda de interesse por parte delas em relação aos estudos. Como se pode ver na fala a seguir de uma das entrevistadas que estuda atualmente, no qual ela tem o incentivo da família.

“Não tenho esposo, mais minha família sempre está do meu lado.” (Entrevistada - 2, 40 anos, ensino médio completo, Branca)

“Não, meu esposo não me deixa estudar.” (Entrevistada – 8, 24 anos, ensino médio completo, Parda)

Já no gráfico B, nota-se que muitas dessas mulheres não desejam continuar seus estudos, no qual 80% diz que não deseja continuar e apenas 20% almeja dar continuidade. Estas mulheres tendem a não sentirem a necessidade de ir para um ensino superior, tendo em mente como principal função cuidar do seu lar como é imposto pela sociedade, ou seja, elas adquirem uma relação de habitus que, segundo Piotto (2009), é composto por esquemas de percepção e de ação que fazem de cada agente um indivíduo singular e, ao mesmo tempo, membro de um grupo ou classe social.

3.2.2. As relações de gênero

Percebe-se no gráfico abaixo (Figura 4), que 70% das mulheres não possui incentivo do esposo para estudar, algumas por serem divorciadas e outras porque o marido não permite que elas estudem, gerando uma fragilidade social. Segundo DIAS et al., (2017) as mulheres historicamente foram apresentadas em uma cultura patriarcal, como seres incapazes de realizar atividades que não fossem de cunho doméstico. Isto demonstra a existência de uma forma ultrapassada de enxergar a mulher na sociedade, pois a figura feminina, em algumas realidades, continua a ser designada apenas a tarefa do lar e não a vida externa. Sendo assim, a mulher é impedida por seu esposo de estudar e trabalhar, tendo seu destino determinado pelo sexo e não por sua capacidade (SOUSA; MOURA, 2013). Segundo SOUSA; MOURA, (2013) há uma predominância do homem sobre a mulher, representando uma supremacia masculina, não existindo igualdade de gênero, de modo a afetar a sua cidadania. Essa superioridade masculina tem como resultado a negação de direitos civis, sociais e políticos que representam a liberdade individual, a participação do indivíduo na riqueza coletiva e ainda nas decisões políticas da sociedade. (CARVALHO, 2002)

Dessa forma, as mulheres são impedidas de se envolverem com a comunidade através dos estudos, e conseqüentemente, a opressão acaba por recair sobre os direitos sociais associados à educação.

Figura 4: Motivação por parte do parceiro relacionado aos estudos

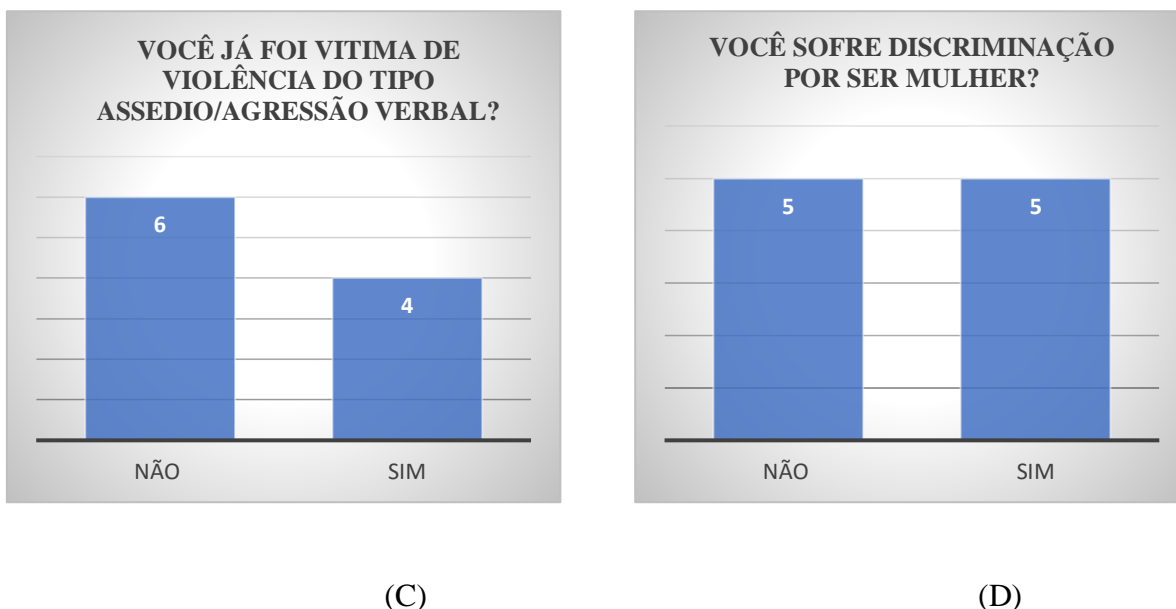


Fonte: Elaborado pelos Autores

Os gráficos abaixo (Figura 5) apresentam outra questão que diz respeito ao fato de elas já terem ou não sofrido algum tipo de assédio ou violência e se já sofreram discriminação pelo fato de ser mulher. Segundo Oliveira (2016) é bastante importante que as mulheres tenham direito de se

expressar abertamente, sem terem que sofrer agressão verbal ou física por outras pessoas, pois pelo fato de serem mulheres, elas são bastante discriminadas na sociedade. Isso faz com que elas apresentem em algumas situações sociais (participação política, tomada de decisões no lar) baixos níveis de empoderamento.

Figura 5: Já sofreram violência ou discriminação por ser mulher



Fonte: Elaborado pelos Autores

No gráfico (C), 60% das participantes relatam que não foram vítimas de violência do tipo agressão verbal, já no gráfico (D), 50% falam que já sofreram discriminação por ser mulher. Às vezes por timidez, ou por não ter um conhecimento mais amplo sobre esse tipo de agressão, acabam não tendo consciência do que estão passando ou até mesmo deixam de procurarem seus direitos para tentar de uma certa forma diminuir esse tipo de ação.

3.2.3 As relações de gênero, empoderamento e a percepção do curso de extensão: as falas das mulheres

Através das entrevistas realizadas é perceptível a importância desse curso para as entrevistadas, na qual proporcionou o empoderamento das mesmas. Segundo Roso (2014), o empoderamento implica de tal forma na liberdade, avanço e superação por parte do indivíduo, que possui uma dependência econômica, física e se tornando protagonista de suas decisões.

E também importa destacar que adquirir esses conhecimentos tornou as mulheres mais independentes. Isso implica, de certa forma, que elas têm a capacidade de enfrentar os obstáculos impostos. É bem perceptível o nível psicológico de empoderamento, onde o que está sendo

apresentado é autoconfiança delas em si mesmas, na qual foram adquiridas através das atividades em grupos no projeto de extensão, atividades que em conjunto geraram uma multiplicação de empoderamento pessoal. Segundo KLEBA; WENDAUSEN (2009) ninguém se empodera sozinho, mas necessita está em grupo para obter um fortalecimento e um pertencimento como indivíduo. Como se pode ver nas falas a seguir:

“Sim, mim fez ver que podemos ser mais independentes.” (Entrevistada - 6, 22 anos, ensino médio completo, Parda)

“Sim, pois mim proporcionou novos conhecimentos.” (Entrevistada - 3, 50 anos, ensino médio completo, Branca)

“Sim, muito importante. Pois mostrou que sou capaz de enfrentar meus obstáculos.” (Entrevistada 2, 40 anos, ensino médio, branca.)

“Sim. Porque além de ter aprendido alguma coisa poder fazer novas amizades.” (Entrevistada - 8, 24 anos, ensino médio completo, parda)

Ressaltamos que esteve presente também no processo de aprendizagem das mulheres alguns conceitos básicos da apicultura, no qual conseguiram aprender um pouco mais sobre a qualidade de seus produtos, com enfoque no mel.

É a partir dessa visão mais ampla sobre apicultura que elas aprenderam a fabricar produtos de saboaria a base de derivados apícolas. Na fala a seguir as entrevistadas ressaltam os conhecimentos que foram adquiridos sobre apicultura:

“Sim, pois aprendi que o mel tem várias utilizações e aprendi também como ter renda fácil e prática”. (Entrevistada 10, 31 anos, ensino fundamental completo, parda)

“Os produtos apresentados no curso, com vários cheiros, aromas que eu não conhecia, o mel, as embalagens diferentes em formatos de abelha.” (Entrevistada 9, 33 anos, ensino médio, parda.)

“As influências foi que o mel pode ser utilizado no nosso dia tanto como medicinais, como comestível e diversas coisas.” (Entrevistada 2, 40 anos, ensino médio, branca.)

O projeto de extensão as tornou mais fortes, levantando a autoestima, mostrando que elas podem ser independentes e incentivando-as a correr atrás dos seus objetivos, tornando-se mulheres mais atuantes na sociedade. Todas essas ações desenvolvidas foram em prol do empoderamento das mulheres, desde a ampliação de seus conhecimentos e assuntos abordados nas oficinas, até mesmo em contribuir nas relações coletivas e individuais em âmbito social.

4. CONCLUSÃO

De acordo com a análise dos dados, conclui-se que todas as mulheres participantes do projeto de extensão, sofreram algum tipo de violência como agressão acidental, agressão física, furto, roubo entre outros. Vale ressaltar que a maioria destas mulheres foram vítimas de agressão verbal, caso muito comum no cotidiano da sociedade brasileira.

As mesmas em sua maioria possuem o ensino médio completo. Há uma baixíssima porcentagem de mulheres que possui o ensino superior completo; como também são poucas as que não concluíram o ensino médio. Isso é um lado positivo para essas mulheres, pois concluir o segundo grau faz com que sua vulnerabilidade em relação aos estudos não seja tão significativa. Porém é importante frisar que essas mulheres não manifestaram a intenção de continuar os estudos e seguir para o nível superior.

Nota-se por meio das análises realizadas que o projeto de extensão colaborou para que essas mulheres adquirissem um certo nível de empoderamento. Uma dessas contribuições foi a realização de oficinas com um viés de trabalhar o processo de subjetividade e empreendedorismo. Também ampliar seu olhar em relação as oportunidades surgidas, reconhecendo que elas podem ser independentes e alcançar seus objetivos.

Pode-se perceber que as falas das mulheres apontam um fortalecimento dos processos de empoderamento. Na dimensão pessoal percebemos que elas destacaram ter adquirido uma independência em relação a realização dos seus projetos de vida através dos conhecimentos ofertados pelo projeto de extensão. Portanto, o projeto contribuiu para despertar nessas mulheres sentimentos de autoestima e autovalorização e sua condição pessoal, social e econômica.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. "Declaração Universal dos Direitos Humanos" 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/> Acesso em: 18 dez. 2018.

ARAÚJO, Ricardo. **Educação no RN: " Fracassada, não! mas, cambaleando"**. 2016. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/educaa-a-o-no-rn-a-fracassada-na-o-mas-cambaleandoa/357772>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BAQUERO, Rute Vivian Ângelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2010.

CARVALHO, Jose Murilo de Cidadania no Brasil: O longo caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

DESSEN, Maria Auxiliadora. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p.21-32, jan. 2007.

DIAS, Juliana Caires et al. A questão de gênero e do empoderamento das mulheres em cargos de liderança: Um estudo exploratório em hospitais particulares. **Seminário Gepráxis**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 6, p.2193-2211, 2017.

GARCIA, Marilúcia Vieira et al. Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 11, p.2551-2563, nov. 2008.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, n. 17-18, p. 139-156, 2002.

Referência: KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, [s.l.], v. 18, n. 4, p.733-743, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902009000400016>.

MACHADO, Leandro; FRANCO, Luiza. **Consciência Negra: o que mudou na vida dos negros 21 anos após música clássica dos Racionais MC's**. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46202282>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MESQUITA, Luciene Xavier de; CARVALHO, Leonardo Emmanuel Fernandes de; SILVA, Amélia Cristina Reis e. PROJETO ABELHA OPERÁRIA EMPODERADA: Um projeto de extensão com mulheres da região do Alto Oeste Potiguar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO ENSINO MÉDIO, 5., Mossoró. **Anais...** Mossoró – Rio Grande do Norte: Uern, 2018. v. 3, p. 121 - 131.

NASCIMENTO, Henrique. **Entenda o que é violência simbólica**. 2018. Disponível em: <<https://www.uninassau.edu.br/noticias/entenda-o-que-e-violencia-simbolica>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p.1-4, jan. 2004.

OLIVEIRA, Júlia Ramalho de. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. In: MOSTRA NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA INTERDISCIPLINAR, 9., 2016, Videira. **Anais...** Videira: IFC, 2016. p. 1 - 5.

PIOTTOO, D. C. **A escola e o sucesso escolar**: algumas reflexões à luz de Pierre Bourdieu. 2009. Disponível em: www.ufsj.edu.br/portal-/file/vertentes/debora_piotto.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018

ROSO, Adriane. Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.83-95, jul. 2014.

SCHRAIBERI, Lilia Blima. Violência contra mulheres entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 3, p.67-359, set. 2007.

SILVA et al Relações de Gênero no Mundo do Trabalho: um estudo com mulheres feirantes no interior da Bahia. In: ENCONTRO DA ANPAD, 38., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2014.

SOUSA, Franciele Santana de; MOURA, Maria Aparecida Garcia. **Uma discussão acerca da questão de gênero e o serviço social**. 2013. Disponível em:

<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/INDICE_AUTOR.htm#LETRAF>. Acesso em: 24 set. 2018.

VARGAS, Agueda Castagna de et al. Atividade antimicrobiana “in vitro” de extrato alcóolico de própolis. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 34, n. 1, p.159-163, jan. 2004

